

João Gomes Cravinho

Ministro da Defesa Nacional

Intervenção do Ministro da Defesa Nacional, João Gomes Cravinho, no Dia da Força Aérea Portuguesa.

Base Aérea Nº1, Sintra, 1 de julho de 2021.

Senhor Chefe do Estado Maior da Força Aérea, General Nunes Borrego,

Em primeiro lugar, agradeço-lhe o convite e a oportunidade para me dirigir a todos vós, militares e civis, que, no ar e em terra, com uma dedicação total e elevado nível de prontidão – 7 dias por semana, 24 horas por dia – dão corpo à Força Aérea Portuguesa, que hoje assinala o seu sexagésimo nono aniversário. Uma Força Aérea que está sempre pronta a servir Portugal e a defender a vida dos portugueses, nos céus, mas também no mar ou em terra, onde for preciso, e por muito grande que seja o sacrifício exigido para o fazer.

Foi a 1 de julho de 1952, que avançou uma importante reforma da estrutura das Forças Armadas portuguesas, dando por vencidas as habituais resistências conservadoras, aliás em linha com que estava a ser feito por toda a Europa Ocidental na sequência da

Segunda Guerra Mundial e da criação da Aliança Atlântica. Assim se criou um Ramo das nossas Forças Armadas: a Força Aérea Portuguesa, mediante a fusão da Aeronáutica Militar e da Aviação Naval.

A Força Aérea é, portanto, o Ramo mais jovem das Forças Armadas portuguesas, pela sua origem histórica relativamente recente. Mas é, também, pela sua natureza, um Ramo sempre aberto à mudança, pois foi construído tendo por base a inovação tecnológica que abriu todo um novo domínio à ação humana, o espaço aéreo, desencadeando-se o desafio de controlar e defender este novo domínio.

Este tipo de atitude, de abertura à inovação, apanágio da Força Aérea, é hoje, mais do que nunca, indispensável para termos Forças Armadas mais eficazes na resposta a novos riscos e

ameaças, prontas a explorar novas oportunidades de uma fortíssima e rapidíssima transformação tecnológica, que tem grande impacto nas diversas dimensões da nossa vida, e também nas questões estratégicas no campo da defesa.

Em segundo lugar, queria dar-vos conta de que nos debates ministeriais, seja no quadro da União Europeia, seja no quadro da NATO – há uma preocupação cada vez mais presente e premente: Como podemos garantir que as nossas Forças Armadas continuarão a estar na vanguarda desta transformação tecnológica e da consequente renovação das capacidades militares? Como podemos garantir que as nossas Forças Armadas continuarão a conseguir manter a sua indispensável interoperabilidade com os demais Aliados?

Da Robótica, aos sistemas autónomos passando pela Inteligência Artificial até à computação quântica, sem esquecer os novos materiais, vemos emergir tecnologias completamente revolucionárias e disruptivas, também nos seus usos militares. A digitalização de todos os aspetos da nossa economia e da nossa vida transformou o ciberespaço verdadeiramente num novo domínio de operações. E a dimensão espacial da defesa tem também merecido crescente atenção. Estes novos domínios, até por força do funcionamento em rede de muitas destas tecnologias, ligam-se inevitavelmente com os domínios militares mais tradicionais.

Estou certo que todos estão bem cientes de que hoje é impossível pensar no domínio aéreo, sem pensar na ciberdefesa ou no espaço, ou em novas capacidades, como os drones. E, na verdade, o mesmo se aplica ao domínio terrestre e naval. Cada vez mais as

transformações no mundo que nos rodeia obrigam-nos ao desenvolvimento de abordagens conjuntas e multidomínio.

É por isso que uma das prioridades, no campo da defesa, da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, ontem concluída, foi avançar com a chamada Bússola Estratégica, no fundo um novo conceito estratégico para a Política Comum de Segurança e Defesa, que tenha em conta esta necessidade de repensar a defesa em face das enormes transformações tecnológicas e geopolíticas, com uma nova visão e com metas concretas e orientadas para o futuro.

É por isso, que uma segunda prioridade da Presidência Portuguesa no campo da defesa foi a regulamentação e efetiva implementação do novo Fundo Europeu de Defesa que com 7,9 mil milhões euros representa uma nova fonte de financiamento

que é fundamental aproveitarmos, nomeadamente através dos projetos cooperativos no âmbito da PESCO. E a este respeito saúdo o envolvimento da Força Aérea em três projetos muito relevantes para Portugal:

- C-UAS para combater a ameaça de mini e microssistemas aéreos não-tripulados;
- Eurodrone com vista a desenvolver um sistema comum para a próxima geração de drones;
- sistema GLORIA para inserir os drones do futuro no sistema do Céu Único europeu.

É, efetivamente, fundamental que na Defesa Nacional, não deixemos escapar esta oportunidade, e que todos nos empenhemos a trabalhar nesse sentido.

Em terceiro lugar, não poderia, evidentemente, deixar passar esta ocasião, sem destacar e agradecer em nome do governo e de

Portugal, o empenho exemplar da Força Aérea neste esforço conjunto da Defesa no combate à pandemia de Covid-19. A Força Aérea tem-se empenhado em dar resposta aos pedidos do nosso Serviço Nacional de Saúde, desde o transporte de doentes até ao transporte de vacinas, equipamentos e equipas médicas. Queria agradecer especialmente aos militares na reserva que, dando exemplo da dedicação que caracteriza as nossas Forças Armadas, voltaram ao serviço na Saúde Militar e nas Equipas de rastreamento epidemiológico. E claro que a este esforço acrescem todas as missões tradicionais da Força Aérea, na defesa do nosso espaço aéreo; na vigilância da nossa Zona Económica Exclusiva; na notável tradição de apoio às populações civis; aliás, só no último ano, a Força Aérea foi responsável, através das suas missões de Busca e Salvamento, por resgatar mais de 900 vidas. A função da Força Aérea no apoio ao combate ao flagelo dos incêndios, agora com meios reforçados, é também reconhecida por todos. Esta capacidade de dar resposta rápida e robusta a

qualquer tipo de emergências – que provavelmente se tornarão mais frequentes com as alterações climáticas – implica cultivar a capacidade de inovação e adaptação a que me tenho vindo a referir. Implica aceitar também uma diversidade de missões com meios que devem ser, tanto quanto possível, polivalentes.

Em quarto lugar, e retomando o ponto anterior, quero assinalar que o nosso país tem continuado a investir na sua defesa. Os mais recentes números da NATO desde 2014, mostram que houve um aumento de 25,6% da despesa em defesa em Portugal. De acordo com a mesma avaliação da Aliança Atlântica, em termos de percentagem da nossa riqueza nacional investida na Defesa, Portugal (com 1,59%) faz um esforço maior do que vários dos nossos Aliados mais ricos e maiores. Concretamente, a Lei de Programação Militar de 2019 prevê um investimento de 4,7 mil milhões de euros.

Seriam desejáveis mais recursos? Sim, claro. Os meios são sempre escassos face às ambições. Mas quando constatamos que estamos atualmente, na prática e não apenas no papel, a passar pelo mais importante ciclo de investimento na nossa Defesa no regime democrático, as preocupações a este respeito são sobretudo testemunho de um elevado grau de ambição. E ainda bem que assim é!

É por isso que precisamos de boa organização, e de boa estratégia, que passa essencialmente por encontrar a melhor correspondência possível entre vários objetivos vitais em função da defesa dos nossos interesses e valores, e os meios disponíveis.

Pela parte que me cabe, naturalmente que continuarei a defender a necessidade de mantermos e, se possível – nomeadamente

recorrendo a novos financiamentos europeus e a capacidades de duplo uso – reforçarmos o investimento nas nossas Forças Armadas.

Quero, em quinto lugar, louvar e encorajar a capacidade de inovação tecnológica da Força Aérea. Ela ficou patente na preparação dos requisitos operacionais do novo KC-390, que já está em produção e que representa um importante contributo para renovar as nossas capacidades. Foi assim também com a criação, nesta Base Aérea de Sintra, de um novo Centro Multinacional de Treino de Helicópteros da União Europeia, mais concretamente da Agência Europeia de Defesa. Este será certamente um novo centro de excelência neste campo a nível internacional, prestigiando o país, e contribuindo para a modernização das nossas forças. Foi assim também com a

modernização dos F-16 para alienação à Roménia. Ou ainda com a modernização das nossas frotas de C-130 e Falcon 50.

Para TERMINAR queria sublinhar que é certo que este esforço de modernização passa por combinar plataformas tradicionais com novas plataformas que vão surgindo, fruto da evolução tecnológica. Em breve, a Força Aérea começará a receber as aeronaves KC-390, abrindo portas a novas possibilidades tecnológicas. É evidente que não nos podemos dar ao luxo de ignorar as possibilidades criadas por plataformas não tripuladas, e as necessidades criadas por novos domínios, mas isso não significa que desvalorizamos o papel fundamental e insubstituível das plataformas tripuladas. Trata-se sobretudo de procurarmos, em conjunto, maximizar a eficácia da combinação de plataformas mais tradicionais e novas plataformas, uma demanda que deve

também abranger o relacionamento com os outros Ramos das Forças Armadas.

Por fim, uma palavra sobre o primeiro e mais importante ingrediente para o sucesso das nossas Forças Armadas: o papel insubstituível das pessoas na Defesa Nacional. Estamos bem cientes do desafio complexo, que aliás partilhamos com grande parte do resto da Europa, relacionado com o recrutamento e retenção de pessoas qualificadas para a Defesa. Este é um desafio particularmente importante num Ramo extremamente exigente desse ponto de vista, como é a Força Aérea. Sem descurar os fatores contingentes ou imprevisíveis, posso hoje dizer com confiança que as perspetivas são positivas. Será, no entanto, necessário continuar e reforçar o esforço do Ministério da Defesa Nacional, e da própria Força Aérea, no sentido de

permanentemente criar as condições para que os melhores possam servir Portugal na sua Força Aérea.

Termino, agradecendo.

Agradeço às famílias dos militares da Força Aérea que são chamadas a partilhar o sacrifício que implica o empenho total ao serviço de Portugal dos seus familiares.

Agradeço com uma saudação especial a todas e todos os que durante o passado ano, e atualmente, serviram e servem em missões fora do país, no Mali, no Mediterrâneo, na Lituânia ou no Golfo da Guiné.

E agradeço a todas e a todos os que, no ar ou em terra, servem Portugal na sua Força Aérea. O vosso empenho e serviço foi mais

uma vez, ao longo deste ano, merecedor do maior respeito e gratidão do conjunto dos Portugueses.

A todos desejo um feliz dia da Força Aérea!

Parabéns à Força Aérea! Parabéns a Portugal!